

NOTA PASTORAL

Identidade do presbítero numa sociedade em mudança

O Conselho Presbiteral refletiu, na reunião de 18 de março de 2014, a vida e missão do presbítero num mundo em mudança. O abandono do ministério ordenado por parte de alguns padres nos últimos anos tem gerado alguma tristeza e preocupação. Num ambiente de instabilidade precisamos de cuidar da vida espiritual e esclarecer a nossa identidade para permanecermos firmes na vocação sacerdotal. Numa cultura em mudança, a nossa união com Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre, é o alicerce da nossa fidelidade ao ministério.

A sessão do Conselho havia sido preparada nas reuniões de vigararia com participação interessada dos padres. Apesar da abundância de documentação sobre a identidade e a missão dos presbíteros, verifica-se frequentemente uma grande distância entre a doutrina e a vida real. Precisamos, portanto, de “sair” da nossa situação e avançar para a vivência empenhada da nossa identidade sacerdotal de modo a exercermos a nossa missão com zelo e alegria.

A reflexão centrou-se em três dimensões da vida do presbítero: pessoal; colegial; comunitária.

1. A nível pessoal

No exercício do nosso ministério somos colaboradores da graça de Deus e instrumentos do Espírito Santo. É o Senhor que edifica a Sua casa que é a Igreja. Não podemos perder de vista o primado da graça na nossa missão pastoral. O activismo pastoral sem a fonte da vida espiritual não dá fruto. Por isso, devemos pedir constantemente e acolher a acção do Espírito e deixarmo-nos conduzir pela Sua inspiração.

Foi unânime, na intervenção dos membros do Conselho Presbiteral, a convicção de que a vida espiritual sólida, enraizada nas actividades quotidianas, ajuda, no actual ambiente de dispersão, a alcançar a unidade e a harmonia na vida do presbítero. Nesse sentido, foi realçado que há ritmos na vida de um padre que são fundamentais, fazem parte do nosso estatuto, ou seja, são obrigatórios e não facultativos. Sem esses ritmos não edificamos na rocha segura da graça do Senhor. Portanto, não podemos permitir que sejam esquecidos exercícios espirituais fundamentais como: o retiro anual; a confissão sacramental regular; o ritmo diário da liturgia das horas; a centralidade diária da eucaristia; a leitura orante da Sagrada Escritura. O exercício gratificante do ministério sacerdotal alimenta-se destas fontes e assenta nestes ritmos.

O Papa Francisco, na audiência de quarta-feira 26 de Março de 2014, lembrou, de forma viva, esta base espiritual do sacramento da ordem: *“Quando não se alimenta o ministério, o ministério do bispo, o ministério do sacerdote com a oração, com a escuta da Palavra de Deus, e com a celebração diária da Eucaristia e também com a presença do sacramento da Penitência, é inevitável perder de vista o sentido autêntico do próprio serviço e a alegria que deriva de uma comunhão profunda com Jesus”*.

2. A nível colegial

A participação no ministério apostólico é comunhão com o bispo, que preside, e com o presbitério. Na Igreja, barca de Pedro, não há lugar para navegadores solitários. A união fraterna, a amizade sólida, as reuniões de formação e de convívio, sustentam a comunhão eclesial, permitem o trabalho em equipa e têm grande importância na vivência feliz e harmoniosa do ministério.

Também esta dimensão colegial mereceu dos membros do Conselho grande atenção e pronunciamentos muito concretos e empenhados. Foi reconhecido que esta dimensão é muitas vezes negligenciada. Infelizmente também se nota, no presbitério, o individualismo fechado, o protagonismo e competição, a maledicência e juízos negativos apressados. Bastantes faltam aos retiros e recolções, às reuniões gerais e alguns até às reuniões de vigararia. Estas faltas empobrecem o presbitério e geram mediocridade espiritual.

Perante esta situação, os conselheiros concluíram que todos devemos cuidar uns dos outros e apelar à presença e participação, lembrando e chamando os esquecidos. Sobretudo o vigário, por si ou por outro, deve assumir esta missão. Para além destes encontros normativos, recomendaram também os participantes no Conselho, encontros gratuitos de amizade, oração e colaboração entre vizinhos, se possível com um ritmo semanal.

Em ordem a crescer na fraternidade presbiteral, propuseram ainda o acolhimento cordial aos presbíteros que vêm de fora, o enquadramento adequado dos mais idosos, a oração e ajuda mútua, um melhor conhecimento e valorização dos outros, a estima e trato afável, bem como o acompanhamento mais próximo do bispo diocesano.

3. A nível da comunidade

Os presbíteros ordenam-se não para si mas para servir a Igreja. O ministério do presbítero não é uma honra pessoal mas um carisma para servir a comunidade.

Em relação à comunidade, no espírito do Concílio Vaticano II, o padre deve realçar antes de mais a igualdade e dignidade fundamental de todos os fiéis. À semelhança de Santo Agostinho pode também dizer: “convosco sou discípulo e missionário. Para vós sou pastor”. Por isso, pertence-lhe não tanto realizar muitas actividades pastorais mas promover a participação de muitos fiéis e estruturar a corresponsabilidade. Quando lhe é confiada uma paróquia vai continuar um trabalho que vem a ser feito, não começa do nada. Deve respeitar e valorizar o caminho feito, bem como a identidade e o ritmo próprio da comunidade, escrever, com o seu carisma próprio, a sua página e preparar a comunidade para continuar o caminho. Depois virá outro obreiro do Evangelho dar um contributo diferente mas complementar. Na variedade está a riqueza. Quando mudar de função deve deixar a comunidade mais responsável.

O presbítero é a alma da comunidade. Congrega as pessoas, cria consensos, une à volta do Senhor. Deve pautar o seu estilo pela proximidade e pela relação afável de misericórdia e ternura. Como afirmou o Papa Francisco na mesma audiência: *“Por força da Ordem, o ministro dedica-se totalmente à sua comunidade e a ama de todo o coração: é a sua família. O bispo, o padre amam a Igreja em sua própria comunidade, fortemente. Como? Assim como Cristo ama a Igreja. O mesmo dirá São Paulo do casamento: o marido ama sua esposa como Cristo ama a Igreja. É um grande mistério de amor: o ministério sacerdotal e o matrimónio, dois sacramentos que são a maneira pela qual as pessoas costumam ir para o Senhor”*.

A fraternidade no presbitério é uma obra comum de todos. Não é justo esperar que sejam os outros a realizá-la. Nem adianta lamentar as falhas neste campo. Mais eficaz e evangélico é cada um fazer a sua parte e dar, primeiro, o seu contributo positivo. E o contributo não deixa de pedir renúncia à importância pessoal para se abrir e dedicar com amizade e humildade aos outros. Não se constrói comunidade sem conversão. Por isso, temos de tomar consciência das nossas limitações e faltas para as ultrapassar e, assim, nos convertermos à comunidade.

O Papa Francisco, na “*Evangelii Gaudium*”, sem esconder a tristeza pelos que abandonam, reconhece o admirável exemplo de inúmeros obreiros do evangelho que se gastam ao serviço de Deus e dos homens (Cf. EG 76). Ao mesmo tempo, chama a atenção para algumas tentações que, particularmente hoje, afetam os agentes da pastoral: a **acédia pastoral** (desânimo e preguiça); o **pessimismo estéril**; o **mundanismo espiritual** (procurar a glória pessoal em vez da glória do Senhor); o **neopelagianismo** (a confiança exagerada nas próprias capacidades que faz com que, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais); o **neoclericalismo** (entender o ministério como honra, carreira ou poder). Deste modo, para crescer na união e colaboração fraterna precisamos de nos examinar e caminhar para uma maior conversão à nossa identidade e missão.

Quinta-feira Santa, 17 de abril de 2014

+ Manuel Pelino Domingues, Bispo de Santarém